

ENTRE O SILÊNCIO E O ISOLAMENTO DO DESERTO: A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO MOSTEIRO CARTUXO (GRENOBLE – FRANÇA, 1084).¹

BOEZZIO, Emanuela²; CORRÊA, Roselaine Casanova³

¹ Resultados parciais do Trabalho Final de Graduação (TFG): “Mosteiro Nossa Senhora Medianeira: Das Montanhas de Grenoble, aos Morros de Ivorá (RS)” – Curso de História - UNIFRA

² Acadêmica do Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil

³ Orientadora do Curso de História do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), Santa Maria, RS, Brasil

E-mail: manu@syns.com.br; casanova@unifra.br

RESUMO

Durante a Idade Média, o poder e a superioridade da Igreja era algo praticamente incontestado, a tal ponto que outras práticas e crenças, que não a católica, eram perseguidas e julgadas pelo Tribunal da Inquisição, que na maioria das vezes condenava o acusado a pena de morte. Porém, no decorrer dos séculos essa predominância do poder começou a trocar de mãos, passando então a se concentrar de forma absoluta no rei, ou imperador. Esse período transitório foi longo e gradual, e encarado pela Igreja como uma afronta direta. Alguns religiosos decidiram por contra atacar, formulando normas que reformassem a autoridade vigente, como o caso do papa Gregório VII, criador da Reforma Gregoriana. Enquanto isso, outros encontraram no silêncio e isolamento a fórmula necessária para fugir da agitação desse conturbado período, esse foi o caso de Bruno, fundador da Ordem Cartusiana.

Palavras-chave: Igreja; Poder; Mosteiro.

1. INTRODUÇÃO

O período marcado pelo século XI foi caracterizado por profundas agitações na Igreja Católica, Papas, bispos e demais autoridades eclesiásticas percebiam seu poder e a organização da Igreja se esvaindo nas mãos dos imperadores e de hereges ocupantes de cargos religiosos. A compra e a venda de cargos religiosos, denominada simonia (“Palavra proveniente de Simão Mago, que procurou comprar de São Pedro o poder de efetuar milagres através da imposição das mãos” (JOHNSON, 1928, p. 232)), era prática disseminada na Europa Ocidental, durante a Idade Média. O poder feudal, representado nesse caso pelo rei, praticamente privatizou a Igreja, concedendo cargos eclesiásticos por meio de compra e venda ou troca de favores. Outro fator que desencadeou preocupações entre os religiosos foi o Nicolaismo, que consistia no “concupinato dos padres católicos” (SUFFERT, 2001, p. 163).

Com a intenção de combater essas práticas, consideradas heréticas, ainda no pontificado do Papa Leão IX (1049-1054) iniciou-se um conjunto de reformas que mais tarde seria denominada Reforma Gregoriana (a Reforma é atribuída ao papa Gregório VII, porém ela iniciou-se anteriormente ao seu pontificado, iniciado no ano de 1073) (KUNG, 2002).

Outra medida buscada pela Reforma Gregoriana referia-se ao poder papal, que deveria ser transformado em uma teocracia papal.

A Igreja Romana [...], jamais incorrera em erro, e tão pouco podia errar. Fora fundada somente por Cristo. O Papa e somente o Papa, pode depor e restaurar bispos, promulgar novas leis, criar novos bispados, convocar concílios gerais, rever seus próprios julgamentos, portar a insígnia imperial, depor imperadores e liberar súditos de sua vassalagem. (JOHNSON, 2001, p. 234).

Dessa forma, o papa passava a ter poderes máximos sobre toda a população cristã, incluindo reis e imperadores, devendo obediência e satisfações apenas para Deus.

2. A IGREJA CATÓLICA E A CRIAÇÃO DA ORDEM CARTUXA (GRENOBLE- 1084)

Todas as medidas da Reforma Gregoriana tiveram grande impulso no pontificado de Gregório VII, na pessoa de Hildebrando, que era bem aceito pela população cristã. Gregório teve atitudes que ultrapassaram a de seus antecessores frente às heresias, uma vez que proibiu padres e bispos, sem ligação com a Igreja, de distribuírem sacramentos, bem como os fiéis de frequentarem suas missas e celebrações. Além disso, Gregório foi o responsável pela elaboração do *Dictatus Papae* ou 'manifestação papal', "27 regras restritas que determinam o papel da Igreja, o poder dos papas, bispos (e naturalmente seu modo de nomeação); ficou definido que o papa poderia depor os imperadores [...]" (SUFFERT, 2001, p. 168). Aqueles que não se enquadrarem nas regras do *Dictatus Papae* seriam excomungados. Paul Johnson cita de que forma Gregório iniciou a elaboração desse manifesto, e também uma de suas declarações que menciona a infalibilidade papal:

Em algum momento da década de 1070, ele fez inserir em seu livro epistolar um rol de declarações papais que parecem ter sido ditadas a seu secretário. Constituíam uma teoria do governo do mundo pelos papas. É significativo que começasse com uma declaração que o papa não podia ser julgado por ninguém. Ele era, na verdade, o único homem verdadeiramente livre porque, uma vez que sua própria jurisdição era universal e absoluta, o único tribunal ao qual tinha de prestar contas era o dos céus (2001, p. 234).

Essas transformações almejadas pela Igreja chocaram-se direta e imediatamente com os interesses de reis e imperadores. Esse confronto de interesses foi denominado *Querela das Investiduras*. Em 1076, o imperador germânico Henrique IV, com o apoio de seus bispos exigiram que Gregório renunciasse ao trono de São Pedro e deixasse Roma, que em contrapartida se manteve no poder e excomungou o imperador. Henrique IV organizou uma campanha militar, depôs Gregório no ano de 1080 e colocou em seu lugar o Bispo de Ravena, que viria a ser o papa Clemente III. No ano de 1081, cercou a cidade de Roma e em 1083 ocupou a maior parte dela. Um ano depois Gregório contou com o apoio militar dos normandos que expulsaram Henrique IV e seu exército de Roma. Contudo, pilharam a cidade. Para Suffert, o resultado foi deplorável, pois Gregório não desejava

“recuperar seu trono a esse preço” (2001, p. 171). Gregório acabou optando pelo exílio na cidade de Salerno, onde morre em 1085.

Bruno, que desde cedo teve funções de cônego, professor e reitor da Universidade Francesa de Reims, em 1084 colocou em prática uma das principais ideologias da Reforma Gregoriana: a adoção do modo de vida monástica, caracterizada pelo desapego aos bens materiais e entrega aos serviços de Deus através da vida contemplativa. É preciso ressaltar que “durante a Idade Média, monges e freiras eram considerados os melhores exemplos do modo de vida cristão” (PERRY, 1999, p. 161).

Durante o período que esteve envolvido nas práticas educacionais em Reims, Bruno presenciou e denunciou uma prática de simonia que se deu através de Manassés, nomeado para a sede arquiépiscopal dessa instituição, sem possuir, no entanto, ligação com a Igreja ou vocação religiosa. Após a denúncia de Bruno junto ao Papa Gregório VII, Manassés foi expulso de Reims e buscou abrigo junto ao imperador Henrique IV, então excomungado. Estando vago o cargo deixado por Manassés, foi desejo de muitas pessoas, sua ocupação por Bruno, que inclusive levaram seu nome até o Papa, porém Bruno percebeu cada vez mais a necessidade de recolhimento e maior entrega a Deus.

Dessa forma “em primeiro de junho de 1084, Bruno e seus seis companheiros chegam a Grenoble, começando assim uma maravilhosa e misteriosa aventura” (RAVIER, [?], p 62). Assim que situaram o local propício para a contemplação e o silêncio, com o auxílio de um bispo denominado Hugo, iniciou-se a construção do primeiro isolamento que, mais tarde iria dar origem a Ordem Cartusiana. A obra Palavras de Monges Cartuxos expressa de forma clara como isso ocorreu:

A estação do verão era propícia a instalarem-se numa região tão fria como é o maciço de Cartreuse. Os trabalhos começaram sem demora. Foram construídas algumas modestas cabanas de madeira, independentes umas das outras, e unidas por uma galeria, ou claustro; uma capela e diversos locais destinados a reuniões em comum. (2004, p. 20).

A estrutura mencionada desse primeiro eremitério (“eremita é derivado da palavra grega significando ‘deserto’, tornou-se termo privilegiado para designar os ascetas solitários” (LE GOOF & SCHIMITT, 1999, p. 225) serviu como modelo para as demais, que seriam construídas pelo mundo anos depois.

Com o término das construções, o bispo Hugo foi o responsável pela solidão do que viria a ser a primeira cartuxa, assegurando “a solidão de seus protegidos e de preservá-los de todo o litígio com os vizinhos inoportunos” (Palavras de Monges Cartuxos, 2004 p. 20).

Seis anos após a fundação da cartuxa, Bruno foi chamado pelo Papa Urbano II, seu antigo aluno em Reims. (SUFFERT, 2001). Urbano II necessitava do acompanhamento de Bruno, e por “essa causa que levou a pensar em seu antigo mestre de Reims. Ignorava, todavia, as funestas consequências de tal chamamento” (2004, p. 22).

Nesse momento a Igreja estava passando por nova dificuldade, sua divisão devido às novas investidas do antipapa (“falso papa, usurpador da jurisdição do legítimo” FERREIRA, 2010 p. 161) Clemente III, que anulou questões importantes antes condenadas pela reforma. Dentre elas foi a tão combatida simonia, aqueles que formam acusados de praticá-la, voltaram a reassumir suas antigas funções (SUFFERT, 2001).

A consternação do chamamento de Bruno tomou conta da comunidade que acabou por se dissipar, devido à ausência do seu líder. A partir da desocupação das terras pelos eremitas, Bruno teve que definir como ficaria a questão dessa propriedade, que passou a abrigar um novo mosteiro, denominado Chaise – Dieu (RAVIER, [?]).

Logo após a sua chegada em Roma, Bruno recebeu a notícia que seus antigos seguidores refletiram sobre o abandono da vida contemplativa e resolveram pela sua retomada. Nomeou um novo líder para os eremitas, denominado Landuino. Bruno assegurou também, junto a Urbano II, a restituição das antigas terras, e “a ata de restituição foi assinada por Seguin (Abade de Chaise – Dieu, mosteiro até então proprietário as terras antes pertencentes aos seguidores de Bruno, em 17 de setembro de 1090” (CARTUXOS DO BRASIL, 2004, p. 23). A interferência do Papa Urbano II na devolução das terras aos eremitas significou mais do que a continuação do projeto de Bruno, pois foi “a primeira aprovação pontifícia dos cartuxos” (RAVIER, [?] p. 95).

No ano de 1090, a cidade de Roma foi dominada pelo antipapa Clemente III e Urbano II refugiou-se no sul do que é hoje a Itália. Nesse momento, Bruno reafirmou a Urbano seu desejo de viver no isolamento e silêncio. O Papa, porém, fez uma última tentativa de manter seu antigo mestre ao seu lado, ofereceu a Bruno o cargo de Arcebispo de Reggio situada na Calábria, (Itália), em vão. Bruno insistia na sua vocação contemplativa. Dessa forma, Urbano II autorizou a Bruno a retomada de sua antiga vida de isolamento, mas com a condição de não se afastar da Itália. Surge assim a segunda comunidade de eremitas, sob o comando de Bruno na cidade da Calábria, em um local denominado A Torre (CARTUXOS DO BRASIL, 2004).

Enquanto isso, em Cartreuse, Landuino enfrentava grave enfermidade, e desejava uma última conversa com Bruno antes de seu falecimento. Assim, parte para Roma, a cavalo, no final do século XI. A viagem era de todo penosa, pois iria durar aproximadamente

seis semanas (POR UN CARTUJO, 1980). Quando chegou a Roma, recebeu os cuidados de Bruno, e após uma breve estada, retornou para Cartreuse, porém no caminho foi feito prisioneiro pelas tropas do antipapa Clemente III, vindo então a falecer (POR UN CARTUJO, 1980).

Pouco mais de um ano após a morte do prior da Grande Cartuxa, Bruno também veio a falecer: “No domingo, 6 de outubro de 1101, deixa a morada terrestre para passar à visão imediata do Deus três vezes Santo” (CARTUXOS DO BRASIL, 2004, p. 24).

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa conta com fontes de pesquisa inéditas como cartas e manuscritos elaborados pelos monges cartuxos, já os autores Paul Jhonson e George Suffert , também citados, oferecem uma melhor compreensão da Igreja Católica como uma instituição milenar, trabalhando suas peculiaridades ao longo de sua existência. Graças a eles, as disputas da Igreja pelo poder na transição entre a Idade Média e o Absolutismo, podem ser analisadas de forma minuciosa. Também é de fundamental importância as obras elaboradas pelos próprios monges, pois elas são as responsáveis por chegar até nós informações que seriam de difícil acesso, seja pela não acessibilidade aos mosteiros cartuxos, seja pela preservação do silêncio entre os monges, o que dificulta a utilização de História Oral. É importante salientar que muitas obras elaboradas pelos monges não apresentam o nome do autor, pois o anonimato é algo apreciado entre eles. Portanto, designações como “por um cartuxo” ou simplesmente a ausência de autores em suas obras são encontradas nas referências bibliográficas desse trabalho.

4. RESULTADOS INICIAIS

O uso da História Oral e o acesso aos documentos do mosteiro - a princípio - torna a pesquisa acadêmica no tema de relativa dificuldade aos pesquisadores, sobretudo de História, devido ao modo de vida dos monges cartuxos, já mencionados anteriormente. Assim sendo, um dos principais êxitos que essa pesquisa alcançou até o momento, foi a aprovação da pesquisa no acervo do mosteiro localizado em Ivorá (RS), na região da Quarta Colônia de Imigração Italiana no estado.

A permissão ao acesso ao seu acervo e as condições permitidas para as entrevistas com o seu prior (monge responsável pela regência do mosteiro), no entanto, abriu novas perspectivas para a realização desta pesquisa, que pretende, além das entrevistas orais, uma revisão bibliográfica acerca do tema, bem como a pesquisa *in loco*, no mosteiro de Ivorá. Objetiva-se historiar a chegada da Ordem Cartuxa no Rio Grande do Sul, mais especificamente em Ivorá (RS), em um momento delicado da história política do

país (década de 1980); o cotidiano dos monges cartuxos e seu posicionamento perante a vida monástica e a própria fé católica.

5. CONCLUSÃO

Mesmo com o falecimento de Bruno, em 1101, o ideal cartusiano, baseado no modo de vida contemplativo não desapareceu, e pelo contrário, se fortaleceu ao ponto de hoje existirem 24 mosteiros cartusianos no mundo, sendo: 18 mosteiros masculinos (05 na França, 01 na Alemanha, 01 na Argentina, 01 no Brasil, 01 na Coreia do Sul, 03 na Espanha, 01 nos Estados Unidos, 01 na Grã Bretanha, 02 na Itália, 01 em Portugal e 01 na Eslovênia) e 06 mosteiros femininos sendo: 02 na França, 01 na Coreia do Sul, 01 na Espanha e 02 na Itália. O Brasil possui um mosteiro masculino da ordem, localizado no município de Ivorá (RS), que conta com 12 monges, sendo 04 brasileiros e 08 de outras nacionalidades (<http://www.chartreux.org/pt/>). Este último mosteiro é o objeto principal desta pesquisa, a ser defendida no final do II semestre de 2012, portanto em andamento.

REFERÊNCIAS

CARTUXOS DO BRASIL. **Palavras de Monges Cartuxos**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 5ª Edição. Curitiba: Positivo, 2010.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Imago, 2001.

KUNG, Hans. **Igreja Católica**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva LTDA, 2002.

[?] **La Cartuja**: Una Vida Consagrada a Dios en la soledad y el silencio. La Florida, Chile: Talleres Gráficos Pía Sociedad de San Pablo, 1993.

LE GOFF, Jaques. SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. Volume 2.

MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero a Nossos Dias. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1996.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**: Uma História Concisa: 2ª Edição. São Paulo, SP: Editora Martins Fontes, 1999.

POR UN CARTUJO. **Maestro Bruno Padre de Monges**: Madrid, Espanha: La Editorial Católica S.A., 1980.

RAVIER, Andrés. **San Bruno, Primer Cartujo** [?]. Documento encadernado e datilografado.

SUFFERT, Georges. **Tu és Pedro**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Objetiva LTDA, 2001.

FONTES ELETRÔNICAS:

<http://www.chartreux.org/pt/> - Acesso em Agosto de 2012.